Artur Torres Pereira

DANIEL SERRÃO:
NA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

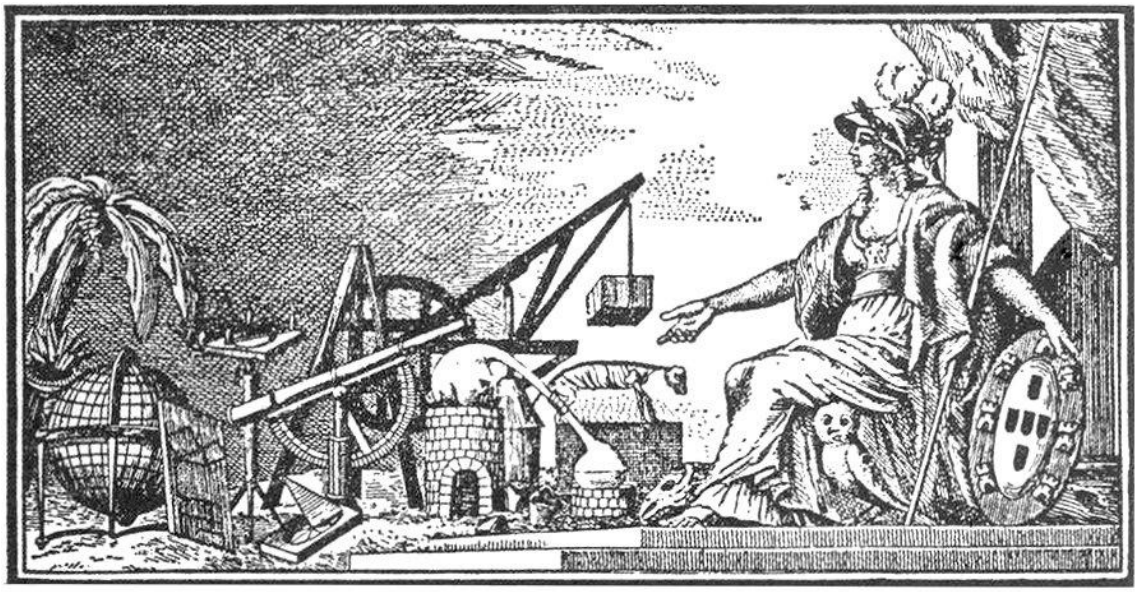
CLASSE DE CIÊNCIAS

Artur Torres Pereira

DANIEL SERRÃO:
NA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS



Daniel Serrão: "Na Academia das Ciências"

Artur Torres Pereira

Senhores Presidentes
Senhores Académicos
Minhas Senhoras e meus Senhores
Professor Daniel Serrão

Não podia recusar este pedido: a apresentação do livro "*Daniel Serrão,- Na Academia das Ciências*". Em singelas palavras apresentar um livro pressupõe o conhecimento do seu conteúdo, sua leitura com comentário, algo sobre outras obras do autor, do seu estilo literário e, por fim, não economizar nos encómios.

Assim começaram as minhas dificuldades. Não se trata de um livro na acepção tradicional. Serão só 25 anos de invulgar colaboração na Academia das Ciências de Lisboa?

Que procurar, para poder categorizar esta obra? Seja-me permitido recorrer a George Steiner e invocar uma das suas muitas especulações –a da oralidade. A oralidade que desde o alvor da nossa condição humana permitiu o entendimento. A incipiente vivência humana não se perdia, transmitia-se oralmente –o bardo ia reproduzindo narrativas épicas. O registo não oral, a escrita, viria mais tarde mas já quando os gregos e os hebreus tinham registado definitivamente a sua especulação filosófica ou o empenhamento religioso, subsistiam, como marcos milenários e para a eternidade, os dois expoentes máximos da oralidade ocidental –Sócrates e Jesus da Nazaré. Não deixaram escritos mas os seus discípulos ou seguidores transformaram o seu Verbo no mais grandioso espólio intelectual e ético da humanidade.

Com este artifício, posso agora preguntar, onde entra Daniel Serrão?. O conteúdo do livro são as suas comunicações e orações, de diversa índole, apresentadas nesta Academia sob forma oral. Todos os que pudemos ouvir o seu discurso sedutor, sentimos a sua presença física, o confronto olhos nos olhos, a retórica gestual como diria Steiner, ou o discurso flamante como o saudou Luís Archer. Foram sempre experiências vividas.

Vou portanto tecer alguns comentários à convicção, à verdade, ao sentido ético, ao amor à Vida e para com a Vida, e à inquietação intelectual, ouvidas nesta Academia durante um quarto de século, e agora reunidas em livro. A ele voltarei.

Antecipando agora outras obras e actividades do autor, e da sua vida, recordarei que para comemorar os 80 anos, 65 colegas, amigos e admiradores (cientistas, humanistas, eclesiásticos, políticos) colaboraram numa outra publicação "*Daniel Serrão-um retrato*". No meu singelo depoimento salientei o homem de cultura interrogando o nosso tempo revelando sentidas preocupações sociais. Professor de Bioética e de Ética Medica foi perito desta arte, ouvido e respeitado aquém e além fronteiras. Envolveu-se com fundamentada convicção no direito à Saúde, nas políticas de Saúde e no ensino médico. Cientista de mundividência cristã colocou-se no lado humanístico na interrupção voluntária da gravidez, na procriação medicamente assistida e destino dos embriões, na clonagem, no estádio terminal do homem, na

eutanásia, tendo deslizado por entre todas estas delicadas áreas com particular competência e brilhantismo, com um espírito inquieto e irrequieto que a todos nós pareceu um espelho de virtude.

Farol significativo da Faculdade de Medicina do Porto, iluminou para cá do Douro, com brilho ímpar as nossas cidades, muitas européias sediando o Conselho da Europa, a Unesco e a Comissão Europeia, e notavelmente a Santa Sé na Ponteficia Accademia per la Vita, da qual foi membro ordinário desde a fundação em 1994, até passar a membro honorário no seu octogésimo aniversário.

Voltando novamente ao livro que hoje apresento. Aceite a originalidade da obra de Daniel Serrão e o registo oral em que valorizámos as comunicações e orações, devo referir-me a algumas mais significativas. Daniel Serrão esforçou-se por apresentar alternadamente comunicações de caracter científico que traduziram a experiência ímpar do morfologista, com outras de caracter mais geral enquadrando os graves problemas éticos e médico-sociais emergentes, e que careciam de tratamento académico.

Destacarei nas primeiras aspectos relevantes de oncologia, e reflectidas preocupações de archeobiologia, especulada em vários temas. O outro grande grupo abrange diversas intervenções sobre Bioética, bem como o Serviço de Saúde Português e Política de Saúde.

Em resumo o livro compendia 25 anos de colaboração deste académico ilustre e prolífico, que neste particular não consente par possível. Mas é fundamental assinalar que o livro apresenta 25 intervenções, fracção muito curta dos mais de 150 trabalhos publicados. Sorte a minha (e alivio para V. Exªs) não ter de fazer a apresentação global !

Dentre as múltiplas comunicações que versam a Bioética destacarei o "Nascimento, Apogeu e Crise na Bioética- uma reflexão algo desalinhada", proferida em 2008. É material amadurecido muito rico. Historia muito pedagogicamente o significado das palavras ética e bioética baseado em Pellegrini, e portanto nos significados distintos dum ramo da Filosofia, especulando sobre o certo e o errado da nossa conduta num plano abstracto, ou quando a reflexão se dirige a situações concretas como as decisões médicas sobre a vida.

Descreve a história que protagonizou nos principais areópagos de Bioética criados na Europa a partir de 1980. A sua constante, honrosa e tantas vezes destemida presença resultou quer de convite pessoal dada a competência que era reconhecida, quer de representação oficial do Pais. Até há meses representou a Academia das Ciências de Lisboa no Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida.

Por quê o desalento? Daniel Serrão foi sentindo um controlo político em todos aqueles comités. Fala de Utopia do século XXI uma vez que diversas forças não resistiram ou resistirão a tornarem-se proprietárias da Bioética enegrecendo a sua nobre e legítima independência. Essas forças são a Política, a Economia, a Ecologia e a Religião. Antevê que venha a ser Utopia porque a política não se torna mais responsável, a economia não se torna global mas mais justa, a ecologia não aparenta ser sensata, e a religião não arrasta mais liberdade e alegria. Responsabilidade, justiça, sensatez e liberdade e alegria –marcas naturais e aspirações da Bioética humana para o autor – que se poderão perder numa questão de tempo. E conclui "que a Bioética nunca seja, ela própria, um poder. Mas antes um conselho e um apelo oferecidos à reflexão dos poderes".

À Saúde, ao Sistema de Saúde, à reforma do Serviço Nacional de Saúde dedicou Daniel Serrão a melhor atenção, competência técnica e criatividade. No livro que apresentamos figuram três importantes estudos. Todo o seu anterior empenhamento foi reconhecido superiormente tendo sido nomeado em 1996 presidente do Conselho de Reflexão sobre a Saúde. Este elaborou em 1997 um exaustivo Relatório com centenas de páginas, destacando os três pilares fundamentais para uma reforma do Serviço de Saúde em Portugal.

O primeiro seria a consagração e disponibilidade dos clínicos gerais, desejavelmente organizados em grupos privados, com remuneração contratualizada. São eles que referenciam os doentes para os hospitais e os acompanham de volta, no seu compreensivo papel de clínico geral- médico de família.

O segundo pilar necessário será a informatização geral de sistema, a funcionar como intranet. Lembrando que tudo o que pode ser digitalizado transcende as barreiras do tempo e do lugar, a informatização gerará, acentua o autor, um sistema de Saúde integrado e virtual. Todos os que devem ter acesso a tudo referente ao doente te-lo-ão, não se perdendo o contacto humano nem desfigurando o Acto Médico. Finalmente o último pilar da ambiciosa reforma

será a criação dum Instituto Financiador que pagará serviços mas não sustente instituições.

A ambição do notável Relatório do Conselho de Reflexão sugere por fim a criação dum Conselho Nacional de Saúde, totalmente independente, com larga representação de todos os interesses e competências ligados à Saúde. A história mostrou que em 13 anos nenhuma legislatura parlamentar teve sensibilidade para tal criação.

Todavia nem tudo se perdeu de tão porfiado trabalho. Refiro-me à actividade dos clínicos gerais em grupo. Algo se está a passar embora omitindo a paternidade. Com efeito desde há cerca de quatro anos que se foram constituindo grupos, designados por USF (Unidades de Saúde Familiar) mas não privados. A modalidade privada, da maior importância para a população, ainda não funciona. Daniel Serrão merece todo o aplauso por ter conseguido impor no Relatório de 1997 a importância fundamental do Clínico Geral. Lembremos que a carreira de Clínica Geral foi criada em 1982 por Paulo Mendo, com a colaboração do saudoso Guilherme Jordão. Esta carreira inicialmente imposta aos jovens médicos foi-se desenvolvendo com muita dificuldade, e com o geral desagrado critico dos clínicos internistas. É-me muito grato recordar ter sido a Faculdade de Medicina de Lisboa, por meu intermédio, a primeira na Universidade Portuguesa a academizar tal área de ensino quando em 1987 criou a disciplina de Clínica Geral.

Para concluir, vou referir-me à ultima comunicação que Daniel Serrão proferiu na Academia em 2009 sobre "As Duas Culturas" numa sessão que tive a oportunidade de organizar para comemorar os 50 anos da apresentação da conferência de Charles Percy Snow intitulada "The Two Cultures and the Scientific Revolution".

Daniel Serrão apelida aqueles dois distintos universos culturais, de cultura intelectual e cultura científica, e logo se interroga como e porque se mantiveram inconciliáveis ao fim de 50 anos. Parece dirigir uma responsabilidade mais acutilante aos intelectuais por neste intervalo temporal não quererem ver ou compreender as profundas alterações da vida social e do mundo, resultantes do espectacular desenvolvimento das tecnociências. Os intelectuais, nem filósofos nem teólogos, não ouviram Snow, e cita eruditos e curiosos exemplos de Heidegger a Ricoeur, ou a contestação de Nanterre antes dela enveredar, como assinala, "para o folclore político-social da esquerda

festiva francesa". Reafirma que as duas culturas continuam activas mas separadas.

Na minha intervenção, referi que "à iliteracia cultural dos cientistas corresponde uma análoga iliteracia científica do grupo literário e humanista". Quanto é que este fosso impedia o progresso social? Snow já havia denunciado um problema de educação. A iliteracia recíproca não deve ser precocemente corrigida no ensino secundário? É na Inglaterra de 2009 que se publica um livro com o amargurante titulo "From Two Cultures to No Culture", afinal a critica ao ensino das crianças e adolescentes na actualidade.

Daniel Serrão lembra por fim que houve perspectivas novas para satisfazer o apelo Snow, as de Van Potter e de Edward Wilson, ambos cientistas, um bioquímico e outro entomologista. Potter tentava eliminar aquele fosso criando uma nova disciplina a Bioética reunindo o Bios com o Ethos. Não teve grande êxito mas subsistiu uma Bioética Global que economistas e políticos estão a aproveitar, conclui Daniel Serrão.

A mais moderna especulação já data deste século. Wilson procura uma Unidade do Conhecimento- a Consiliência. Ele considera as duas culturas consilientes, urgindo realizar a unidade de todo o conhecimento, e estabelecer as pontes do entendimento e da comunicação entre os vários saberes ou áreas de conciliência, Os quatro campos interdisciplinares vertidos para a Mandala (Relação Homem-Cosmos) que Wilson esquematizou são a Política Ambiental, a Biologia, as Ciências Sociais e a Ética.

Embora passe a fazer parte da História da Ciência a teoria da Consiliencia de Wilson, algo confusa, não favoreceu a desejada ponte entre as duas culturas. Mas Wilson ficará por certo ligado à Sociobiologia e sobretudo á Psicologia Evolutiva para que derivou, e que hoje nos parece ser uma ferramenta indispensável para compreender o homem actual e o seu comportamento

Minhas Senhoras e Meus Senhores

É regra no final de cada comunicação, já discutida, o Presidente da Mesa interrogar a assembléia de académicos sobre se o trabalho acabado de proferir deva ser publicado nas Memórias da Academia de Ciências. Proclamarei que nunca com tanta propriedade a consagração dessa oralidade foi transcrita nas

nossas Memórias, que hoje o autor recolheu para volume único que tentei singelamente apresentar-vos.

(Comunicação apresentada a
1 de Julho de 2010)